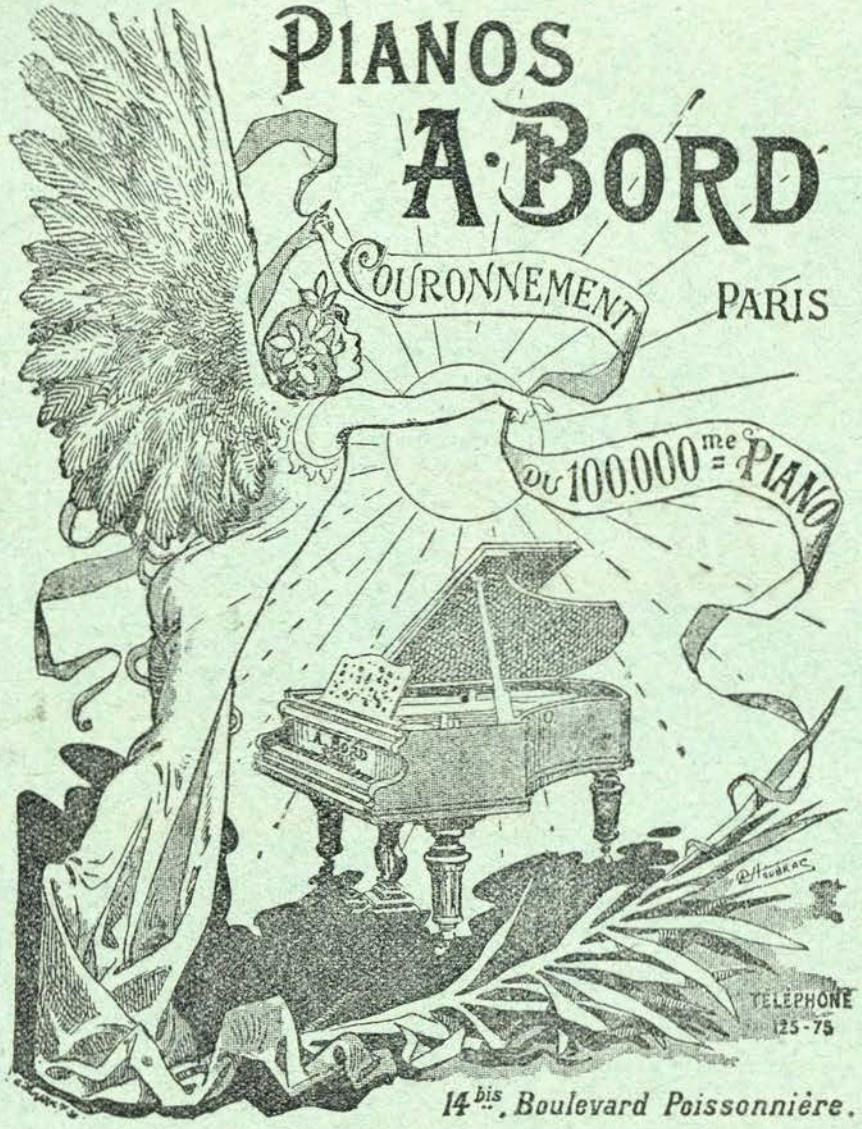
ANNO X
NUMERO 223

A ARTE MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14 bis, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Producção até hoje ..... 116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334 RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

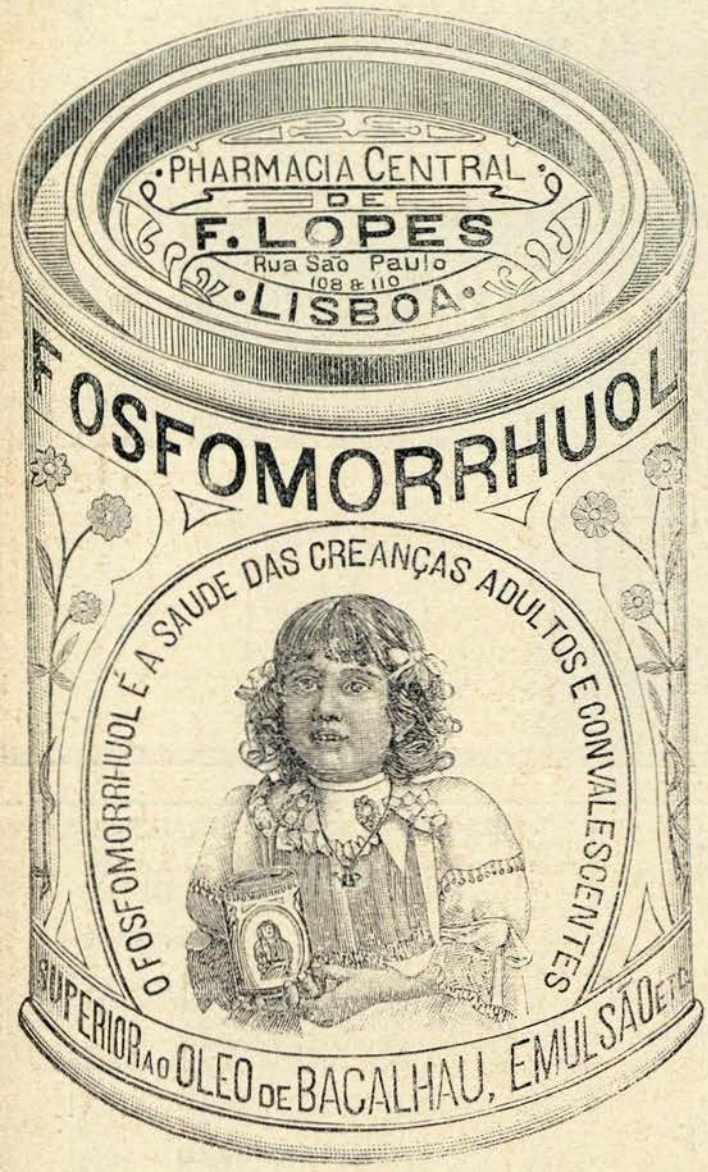
108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM



LAMBERTINI

Representante dos Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi, Peters, Breitkopf, Litolff, Steingräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

ANNO X — *Lisboa, 30 de Março de 1908* — NUMERO 223

Revista publicada quinzenalmente
Proprietario e director
Michel'angelo Lambertini

Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Joseph Joachim *(conclusão)* — A Grande Orchestra Portugueza — Notas Vagas — Theatro de S. Carlos — Concertos — Noticiario — Necrologia — Bibliographia Musical — Caixa de Soccorros a Musicos Pobres.

Joseph Joachim

(Conclusão)

De junho de 1904 a junho de **1905** a actividade de Joachim repartiu-se pelos concertos, embora em grau menor do que o habitual, e pelo ensino.

Vemol-o tocando em Leipzig na segunda sessão da Bachfest o *concerto* em mi menor de Bach; em Berlim, com Normann-Neruda, o *concerto* em ré menor para dois violinos e orchestra, que repetiu em Eisenach com Halir; em Koenigsberg o triplo *concerto* de Beethoven com Hausmann e a pianista Ziese; em Berlim, o mesmo com Hausmann e Schumann; em Schwerin, as *sonatas* op. 24. em fá maior e op. 47, em lá maior, de Beethoven, para violino e piano em Prill; com Koenigsberg, o *concerto* de Brahms para violino e violoncello com Hausmann; e poucos mais.

Em Londres, os Saturday e Monday Popular Concerts tinham acabado. Em dezembro de 1905 o quartetto de Joachim appareceu na capital ingleza, sobre si, e provocou tal desencontro na critica, apaixonada n'uns, cega n'outros, que desorienta quem deseje fundamentar um juizo sereno. Uns o acharam em decadencia, outros divino, composto de artistas divinos, tocando divinamente!

Certo foi, porém, que a casa esteve sempre cheia, e Joachim teve elementos bastante sympathicos e razões muito poderosas para ser obrigado a voltar alli... á custa alheia!

O maior acontecimento de 1905 foi, porém, a publicação do seu *Methodo de Violino*, escripto com a collaboração d'Andreas Moser e cujo primeiro volume foi annunciado em janeiro e publicado em março pela firma Simrock, de Berlim. Esta obra monumental, que fica bem ao lado das melhores, já agora historicas, de Mozart, Spohr, Baillot, F. David, Dont, Singer e Seifriz, não pôde figurar na segunda edição do *Guia do Violino*, de Heim; vem comtudo radicar a poderosa influencia creada ha uns 28 annos pela *Violinschule* de Courvoisier, que generalisou o ensino do mestre, depois alargada pela excellente *Die Violin-Technik* do competentissimo Richard Scholz.

A *Violinschule* de Joachim e Moser divide-se em tres partes ou volumes. No primeiro trata do estudo elementar, incluindo as escalas maiores e menores e uma historia do violino e dos seus mestres. No segundo volume estudam-se as diversas posições, a acustica em geral e do violino em especial (1), a execução das partes, a posição do pollegar da mão esquerda; e apresenta-se um arranjo graduado e systematico de obras para estudo de authores diversos. O terceiro volume, que tem por sub titulo *Meister-schule*, contem um certo numero de peças classicas para violino, editadas, digitadas e phraseadas por Joachim, entre as quaes figuram a sonata em lá de Haendel, os concertos de Bach para dois violinos, em lá e ré menor, a sonata do Diabo de Tartini e os concertos de Viotti, Kreutzer, Rode, Mozart, Beethoven, Spohr, Mendelssann e Brahms, com as cadencias que Joachim compoz e tocou.

Publicado em allemão, teve uma edição

(1) Como trabalho recente, lembramos aos estudiosos os bellos artigos de Richard Baer sobre este assumpto na *Zeitschrift für Instrumentenbau*. 27.º anno, 1907, d'alcance positivo. Completam as obras modernas de Baker, Capellen, Guillemin, Jonquière, Lowe, Paillard-Fernel, Polak, Schaefer e Schneider.

ingleza em Lengnick (1). Inutil é acrescentar o caracter classico d'esta obra, que vem completar, quanto á technica e ao estylo, o que se encontra nos methodos de Singer e Sevcick e nas collecções de peças classicas de Alfred Moffat e Hans Sitt.

A originalidade do Methodo deduz-se das seguintes palavras de Andreas Moser no prefacio:

«Charles Beriot, no seu Methodo de violino, parece ter sido o primeiro a quebrar a velha tradição, partindo do principio de que o violino é um instrumento em *sol* e começando o ensino elementar no seu livro com a escala em *sol* maior. Nós fomos induzidos a desenvolver ainda mais a theoria de De Bériot e a principiar o nosso ensino elementar com o tetracordio maior na corda *ré*... Por consequencia, seguindo este methodo, o alumno acostuma-se desde o principio a conceber cada escala como uma construcção independente, em logar de considerar as differentes escalas com a de *dó* maior degenerada pelos acidentes, o que é um engano muito vulgar.»

Os seus primeiros exercicios baseiam-se inteiramente sobre a canção popular allemã, em geral preferindo os tons de Ré e de Lá, para despertar e desenvolver gradualmente o senso musical do principiante. Em outro logar, porém, fallaremos largamente d'esta obra, cujo prefacio, só por si, nos levaria longe.

Em **1906** o quartetto Joachim voltou a Londres sob os auspicios do *Joachim Committee-Concerts*, que deu duas sessões em 23 e 26 d'abril na Bechstein Hall, tendo no ultimo Wirth, que adoecera gravemente dos olhos, de ser substituido pelo distincto violinista inglez Alfred Gibson.

Foi enorme a assistencia e grande o enthusiasmo n'estes concertos em que Joachim e os seus companheiros Halir, Wirth e Hausmann honraram os seus creditos a tal ponto, que foram obrigados a dar mais dois concertos extraordinarios em Queen's Hall, em 28 d'abril e 12 de maio. No primeiro tocou-se o *quintetto* de Brahms com clarinete, pertencendo este ao illustre Mühlfeld, e o *octetto* de Mendelesohn em mi menor com a ajuda de Maurice Sons e Thomas Morris, violino, A. Hobday, viola, e Percy Such, violoncello. No segundo ouviu-se o celebre octetto de Schubert com P. Winterbottom no contrabaixo e Mühlfeld, Borsdorf e E. F. James nos instrumentos de sopro.

Joachim realisou o seu concerto pessoal, que foi tão elevado da sua parte como carinhoso da parte do publico, em 10 de maio, com Leonard Borwick, tocando as sonatas op. 23 e 30, n.º 1, de Beethoven, e em sól de Brahms, com a sua habitual excellencia.

Em agosto figurou no festival de Schumann em Bonn, onde, como em 1873, concorreu para a homenagem ao mestre de Zwickau dirigindo a orchestra, tocando e até fallando sob o tumulo de Sternenthor.

Em outubro publicou-se e poz-se á venda o terceiro volume do Methodo com o titulo — *Sobre o Estylo e a Execução artistica* — com 268 paginas, contendo dez discursos por Andreas Moser e dezeseis peças classicas para o violino com as cadencias originaes e digitação por Joachim. Preço na edição ingleza, 12 schillings e meio. O segundo volume estava então na imprensa.

O anno de 1906 acabou por um triumpho. O *Joachim Committee* resolveu dar mais uma serie de 7 concertos de musica de camara, exclusivamente dedicados ás obras de Brahms, entre 21 de novembro e 7 de dezembro, ajuntando aos quatro membros do quartetto as extra-violas Bridge e Gibson, Percy Such, violoncello, Mühlfeld, clarinete, Bnsdorf, trompa, Fanny Davies, Borwick e Dornald Tovey, pianistas.

Queixou-se a critica, mal os programmas se publicaram em outubro, do exclusivismo do plano, porque melhor fôra — dada a edade avançada do Mestre — que se tocassem pelo menos os ultimos quartettos de Beethoven, em que Joachim e os seus companheiros attingem o superlativo. Pois apesar d'esta contrariedade, foi tal o empenho na procura de bilhetes, que foi preciso annunciar que se dariam dois concertos em Queen's Hall — enorme, improprio para musica de camara — só para satisfazer ao publico, que não podia pagar os logares caros dos concertos na sala Bechstein!

Conciliou-se tudo dando cinco sessões n'esta sala e duas n'aquella, impropria embora, mas cheia á cunha. Foram os concertos mais brilhantes do anno, para gloria do velho e desde annos calumniado Mestre.

Era a inveja que lhe mordia a fama imperecivel, julgando-o morto, como o burro ao leão na fabula sabida!

Em **1907**, apesar de se ter reconhecido que Joachim estava cançado — manda a verdade que o repita, embora a critica reconhecesse que a fraqueza *se não manifestava na interpretação* dos mestres — o quartetto continuou funccionando em Berlim, e o *Joachim*

(1) Alfred Lengnick & C.ª, 38, Berners Street, London W. O primeiro volume, *Elementary*, foi logo adoptado na Royal Academy, em Londres: tem 199 paginas, o retrato dos autores e custa em uma ou duas partes 10 shillings.

Committee ainda conseguiu preparar-lhe audiencia para uma nova serie de concertos em Londres, para abril.

Em 12 de março, Joachim mandou um telegramma ao seu velho amigo e collega, professor Jacob Grun, cujo festival, por 30 annos de professorado, Hans Wessely e Franz Schalk promoveram em Vienna. Consola, ante a falta d'união e de desinteresse que em Portugal se nota, registar estas festas artisticas e altamente humanas! Hans Wessely foi de Londres, Carl Fresh d'Amsterdam, G. Rebner de Francfort sobre o Mena, e a sr.ª Hochmann da Russia, para tocarem em Vienna d'Austria para o mestre! Não faltaram telegrammas dos Estados Unidos, de discipulos que não puderam vir!

Adoeceu, porém, Joachim com influenza, em abril, de modo que os concertos annunciados em Londres tiveram que ser addiados para junho, com grande magua dos amigos e admiradores do Mestre. A sua recahida sobresaltou-os e os concertos tiveram de se realisar — pela primeira vez, e seria para sempre! — sem elle!

Halir assumiu o logar d'elle, Karl Klinger tocou o 2.º violino, Emmanuel Wirth a violeta e Robert Hausmann o violoncello. Logo se notou a falta de Joachim, por mais que o espirito em geral fosse o mesmo na interpretação!... Era o principio do fim. Entretanto, Halir soube honrar o seu logar e o seu mestre seguindo fielmente nas suas pizadas, e a execução dos ultimos quartettos de Beethovem nada deixou a desejar.

Foi isto em junho e o ultimo concerto — em homenagem a Haydn — no 1.º de junho. A doença, porém, avançava implacavel e ameaçadora. Comtudo, Joachim teve a felicidade de ver no fim de julho sua filha casada com o seu estimado sobrinho Harold Joachim, professor em Oxford.

A 13 d'agosto estavam perdidas as esperanças; a 15, morreu! Como nuvem que de subito o sol escurece, a terra sombreando, assim a surpreza d'esta morte as almas entenebreceu, quando o telegrapho espalhou no mundo a noticia tremenda.

Os funeraes realisaram-se com desusada grandeza em Charlottenburgo, onde o vestibulo da Academia Real de Musica fôra transformado em capella ardente. O imperador mandou como seu representante o tenente-coronel Von Chelius, compositor, e a imperatriz um alto personagem do paço. Assistiram o principe Henrique da Prussia e outros principes reaes, Von Bulow o chanceller, Gerard Hauptmann, delegado da Litteratura musical allemã, o presidente da Academia de Bellas Artes Von Otzen, numerosos representantes de todas as sociedades musicaes da Allemanha, o corpo docente da Hochschule, etc., etc.

Destacaremos do discurso de Otzen o trecho seguinte:

«Quantas vezes não temos deplorado não encontrar mais vezes em a nossa esphera d'arte esta coisa que é o signal da verdadeira grandeza: a acção commum, harmoniosamente equilibrada, entre o artista e os outros homens! Nada é mais bello quando ella se apresenta, do que esta apparição victoriosa. Parece que ella se offerece á Humanidade como o verdadeiro fim da sua existencia; mas temos tambem expressamente consciencia de que uma tal harmonia só pode ser attingida pelos homens d'eleição, pelos artistas favorecidos pelos deuses. Joachim foi um d'esses... (1)»

Extinctos os ecos do discurso de Otzen, o caixão foi collocado no carro mortuario seguido de outros quatro sobrecarregados de corôas e de flores, e, acompanhado d'uma banda, que tocou a marcha funebre da Symphonia heroica, dirigiu-se para o mausoleu Kaiser Wilhelm no cemiterio visinho de Furstenbrunner Weg.

De um e outro lado do caminho, completando a negra serpente colleante que seguia atraz do feretro, erguia-se um enorme formigueiro humano, de preto tambem, nas ruas e porticos, nos atrios, nas janellas... em silencio funebre. E á medida que o feretro passava, como se ainda vibrassem os dedos magicos que tantas palmas arrancaram e tanto peito aqueceram, o formigueiro descia e incorporava-se no prestito, formando a homenagem mais imponente pelo vulto e pela dôr, que alli se viu!

Ás 6 horas os córos entoaram os altimos cantos d'adeus e o tumulo fechou-se sob os restos do grande musico, do maior defensor e mais alto interprete da musica classica!

Assim possam as lagrimas pelo homem bom, que ora nos toldam a vista, compensar a magua enorme da filha e do sobrinho! Assim possa Marteau, que lhe succedeu, manter alto e acceso o facho que herdou, já que

(1) Do muito que nos resta dizer sobre o Mestre sob este ponto de vista, veda-nos a falta absoluta de tempo que nada escrevamos agora Traçando este estudo rapido, que mal representa uma vida tão honrada, tão gloriosa e tão cheia, viemos cumprindo o duplo dever do amador, que generalisa a historia da Arte, e do amigo agradecido á hospitalidade com que o honrou Joachim.

O mesmo dever, sobredoirado por egual sentimento, nos levará mais tarde, quer estes artigos agradem ou não, a tratar de Joachim e do seu logar na Musica do nosso tempo. Então ficaremos contentes comnosco.

C. M.

a Arte pura — consoladora da vida — ameaça cahir nos braços do Virtuosismo, quer da technica, executando, quer da composição, escrevendo.

22 de março de 1908.

CARLOS DE MELLO.

A «Grande Orchestra Portugueza»

Estão definitivamente fixados para 2 e 5 de abril proximo os dois grandes concertos que este brilhante grupo d'artistas vae realisar no theatro D. Amelia.

Dada a parte activa e predominante que o nosso director tem n'este emprehendimento, dispensamo-nos de quaesquer referencias elogiosas, que mal cabidas seriam n'estas columnas.

Certo é porém que não esfriou no publico o enthusiasmo tão expontaneamente manifestado nas tres primeiras audições, em 1906 e 1907, e tudo nos faz suppôr que as festas musicaes de 2 e 5, nem na concorrencia, nem no brilhantismo musical, desmerecerão das anteriores.

Nos programmas que abaixo transcrevemos buscou-se servir os mais puros interesses d'arte, sem postergar um razoavel eclectismo, que os tornasse sympathicos a todos os paladares sadiamente constituidos.

N'elles se encontrará musica allemã, franceza, italiana, etc., achando se a portugueza largamente representada por quatro dos nossos compositores mais queridos e mais auctorisados.

Ha ali musica de todos os generos, desde o severo Beethoven até ao capitoso Charpentier, desde o singelo Pergolese até ao complicado Wagner.

Vamos reproduzir esses programmas integralmente para que os leitores possam fazer melhor juizo do que deixamos dito.

Quinta feira, 2 de abril de 1908

(9 horas da noite)

I

Prélude de *Reine de Saba*.. GOLDMARK
Sigurd Jorsalfar..... GRIEG
Vorspiel
Intermezzo
Huldigungsmarsch

II

3.ª Symphonia..... BEETHOVEN
Allegro con brio
Marcia funebre
Scherzo
Finale — Allegro

III

Preludio de *Fr. Luiz de Sousa*..... F. GAZUL
Fragmento do *Stabat Mater* PERGOLESE
Bailados do *Amrah*..... F. GUIMARÃES
Ouverture de *Vaisseau Fantôme*..... WAGNER

Domingo, 5 de abril de 1908

(2 horas da tarde)

I

Prélude du *Flibustier*.... CÉSAR CUI
Impressions d'Italie..... CHARPENTIER
A la fontaine
A mules
Sur les cimes
Napoli

II

3.ª Symphonia..... BEETHOVEN
Allegro con brio
Marcia funebre
Scherzo
Finale — Allegro molto

III

Pastoral da Suite *Scenas Campestres*..... J. H. SANTOS
Preludio do *Déluge*..... SAINT-SAENS
Solo de violino — D. Francisco Benetó
Impromptu..... J. NEUPARTH
Ouverture de *Maitres Chanteurs*..... WAGNER

CARTAS A UMA SENHORA

III.ª

De Lisboa

Ainda uma vez excepcionalmente lhe escrevo fora dos prasos habituaes; mas accumulam-se-me sobre a mesa os volumes por abrir, e noto que ainda nada lhe disse d'um que já foi aberto — e lido.

Refiro-me ao que a illustre escriptora D. Olga de Moraes Sarmento dedicou á marqueza de Alorna e ao qual alludi n'uma carta.

Prefaciado por um dos mestres do espirito portuguez contemporaneo, o Dr. Theophilo Braga, chega a ser impertinente da minha parte vir rabiscar alguma cousa ácerca d'elle, depois do que em meia duzia de exhaustivas paginas escreveu o eminente historiador da nossa litteratura.

Mas entre passar por impertinente ou por descortez, prefiro espetar-me na primeira ponta do dilemma, e d'ahi as presentes linhas.

Que ellas lhe não darão novidade, será ocioso accrescentar, á uma porque a esta altura da publicação do livro a sua critica, além da de Theophilo Braga, acha-se feita, e depois, porque eu não pude, por desgraça, concatenar a tempo as desordenadas notas tomadas com respeito á original figura que a sr.ª D. Olga Sarmento escolheu para o seu estudo.

Tendo estado, por circumstancias que a minha amiga não desconhece, na invejavel situação de completar os meus pontos de vista sobre a gloriosa Alcippe lusitana, mercê da inexcedivel benevolencia com que desde creança fui acolhido na hospitaleira e preciosa residencia de S. Domingos de Bemfica, a verdade é que desastradamente nunca sube apreciar esse singular favor da sorte, e solicitado antes pelos assumptos da occasião, jamais meus olhos se volveram para aquella primacial individualidade feminina, cuja elevação mental e cuja altura psychica ultrapassava a de muitas individualidades masculinas, reputadas importantes.

O duque de Palmella disse d'ella que excedia, conversando, as obras que ideára como escriptora — e talvez tambem não fosse exagero adduzir que a sua acção persuasiva e o seu influxo educador no meio estranho, e sob certos aspectos tão singularmente atrazado pela cultura e pelos instinctos, do seculo XVIII em Portugal, nada ficou devendo ao papel que exerceu como elemento preponderante na entrada do Proto-Romantismo em terras luzas.

Está por concluir a obra por tantos delineada e por alguns poderosamente sentida da influencia de muitas mulheres portuguezas nos nossos destinos sociaes, em todo o periodo que decorre de 1750 a 1830, pelo menos, e seria mister proceder á publicação das memorias intimas e papeis ineditos de varias familias nos tempos pombalinos, na epocha das guerras peninsulares e nas luctas civis, e tudo isso largamente, devidamente interpretado e commentado, para que vultos como o da marqueza de Alorna, e outros, occupassem na nossa historia geral o logar que de direito lhes compete, e para que ao mesmo tempo o sexo a que ella e v. ex.ª pertencem podessem nobremente ufanar-se da hegemonia exercida.

Infelizmente, esse constitucionalismo de contrabando que, a despeito de centenas dos seus heroicos e ingenuos implantadores, dos milhares dos seus despremiados e inglorios martyres, e das *ideas francezas*, tão mal se aclimou, que oitenta annos rodados deu n'aquillo que muito bem sabemos e sentimos, desviou, pelo abastardamento dos caracteres e pela viciação das consciencias, o espirito dos melhores de nós dos estudos serios, continuados e fecundos sobre quanto poderia contribuir para a formação de uma patria educada e livre, e esses descoordenados movimentos de revolta de interesses ou de impaciencia de paixões que com elle explodiram, pouco mais fizeram do que anarchisar-nos abandalhando-nos e diminuindo-nos.

Agora é que começamos a sair d'esse tremendo impasse, precisamente á hora em que lá por fóra nos figuram um povo de selvagens ou de impulsivos, de energumenos ou de mattoides...

Agora é que começamos a ver bem o nosso problema nacional, e até o nosso problema historico, mercê d'uma classe media que o povo vem formando e educando e no povo precisa de apoiar-se e inspirar se.

Agora, finalmente, é que vislumbram clarões da almejada reconstituição da consciencia publica, que não póde ser senão a integral das consciencias individuaes, claramente orientadas no sentido da civilisação geral a que pertencemos.

E chegados que sejamos á posse de nós mesmos, trabalhos como este da *Marqueza de Alorna* onde se estudam factos, onde se

fixam detalhes, onde se salientam traços, serão de todos apreciados e por todos discutidos. Elles caracterisam uma epoca, ao mesmo tempo que, como n'este em questão, põem em toda a luz o gentilissimo espirito que já no inverno da existencia ainda se deleitava vindo ouvir as lições do illustre Mousinho de Albuquerque na Polytechnica.

Essa Alcippe, que dera motes em outeiros, poetára á porfia com os vates seus contemporaneos, e depois, viajando, penetrou nas civilisações da Allemanha, da França e da Inglaterra, ella que tão bem conhecia a civilisação grega e a latina; essa aristocrata que conviveu com hereges e pedreiros livres, sem aliás perder as crenças que bebêra com o leite; que traduziu os auctores estrangeiros sem nunca se desnacionalisar, que acolheu foragidos como Bocage, e principiantes como Herculano; que se não pôde antecipar-se ao seu tempo se antecipou em todo o caso á sua sociedade: mereceu bem que o espirito novo e aberto da sympathica escriptora que é D. Olga Sarmento lhe consagrasse algumas vigilias para o fim de lhe fixar em meia duzia de paginas, impressivas e quentes, o perfil duplamente formoso de mulher e de pensadora, de privilegiada e fidalga organisação, encantando pelas graças da phisionomia, e impondo-se pelo vigor da intelligencia.

Não tenho de citar capitulos nem de esmiuçar recantos, porque, repito, Theophilo Braga disse d'este livro feminino o que havia a dizer; mas se alguma coisa me é licito especialisar, especialisarei a absoluta franqueza com que foi concebido e realisado e a natural elegancia com que o vejo conduzido do principio ao fim.

Se alguma influencia recebeu foi a influencia de quem para todos é educador primacial e guia inconfundivel, foi a d'esse mesmo Theophilo, pelo que eu cordialmente a felicito.

E agora resta-me exorar aos deuses e ás deusas — pois se trata d'uma senhora — que em breve lhe permittam dar-nos mais um volume sobre algumas das grandes mulheres que, ou nos dominios do sentimento ou nas regiões das idéas, que sentimentos são — sentimentos cerebralisados — paciente, embora ignoradamente, teem vindo atravez os seculos, a proclamar as excellencias infinitas da feminina alma portugueza, capaz de todos os sacrificios e susceptivel de todos os heroismos.

AFFONSO VARGAS.

Com a *Madama Butterfly*, em 28.ª recita de assinatura extraordinaria, fechou no dia 25 do corrente o nosso teatro lirico.

Em espectaculo avulso a favôr do cofre do Instituto Ultramarino houve no dia 17 uma infeliz apresentação do *Lohengrin*, e a 20 uma nova edição da *Adriana Lecouvreur*, desempenhando a sr.ª Krusceniski a parte da protagonista.

No *Lohengrin* apenas havia a contar com a boa vontade da sr.ª Gagliardi e com o nosso conhecido tenôr Viñas, que naquele drama de Wagner tem a sua melhor apresentação. A sr.ª Lucaceska, na parte de Ortruda, nem com a sua sempre provada boa vontade podia arcar com responsabilidades muito superiôres ás suas fôrças. Era para prever o desastre, que impossibilitaria a empresa de fazer cantar o *Lohengrin* em mais alguma recita.

Em março de 1906 já a sr.ª Krusceniski tinha cantado a *Adriana* com o tenôr Krismer, mas parece que todos estavam agora esquecidos do desempenho da distincta artista, que na *Madama Butterfly* satisfez os mais exigentes e conseguiu dar alma e vida a uma obra cujo valôr musical é realmente bem pequeno. Se outro tanto não sucedeu com a *Adriana*, talvez porque o natural temperamento da sr.ª Krusceniski é adverso ás scenas do 2.º e 3.º actos, tornou-se digna ainda assim dos mais incondicionaes aplausos tanto no 1.º acto como na romança e na scena final do ultimo.

E fechou o nosso lirico com umas recitas forçadas do *Sansão*, *Tristão* e *Madama Butterfly*, por ter falhado o *Lohengrin*, com que se contava pelo menos para a ultima recita extraordinaria. Uma questão de mau desempenho pela falta de um baritono, e principalmente de meio-soprano, com envergadura precisa para satisfazer ás exigencias requeridas na parte de Ortruda. Exactamente o que sucedeu depois com a *Adriana*, podendo apenas contar-se para o seu bom desempenho com a sr.ª Krusceniski e o tenôr Krismer, faltando execução suportavel das partes de meio soprano, baritono e baixo. Noutras épocas liricas havia artistas de melhor cotação a que recorrer para acompanhar a Pandolfini e Caruso, que em março de 1903 cantaram a *Adriana* em S. Carlos. Em dezem-

bro de 1905 foi cantada pela mesma Pandolfini e o tenôr Krismer, havendo em março seguinte (1906) uma nova edição da *Adriana* com a sr.ª Giachetti, Krismer, baritono D'Albore e a sr.ª Virginia Guerrini como interprete da parte de princesa de Bouillon.

Não temos o habito de fazer confrontos de cantôres. A comparação do desempenho da *Adriana* torna-se agora inevitavel para bem claramente se ver como nesta época lirica finda foi no seu conjuncto bem inferior ao de outras épocas, não muito longe de nós.

Pelo que acabamos de dizer e pelo que se depreende dos nossos anteriores artigos vê-se que o elenco d'este ano não foi dos melhor organizados. Havia artistas que nunca deviam passar de comprimarios e que foram encarregados de cantar primeiras partes. Tivemos outros de incontestavel valôr. Somos os primeiros a declara-lo. Krusceniski, Gagliardi, Carelli e Guerrini estão nesse caso. E' uma verdade que, á excepção da sr.ª Gagliardi, contratada por toda a época, as outras vieram por poucas recitas. A sr.ª Guerrini cantou em 11 noites no *Sansão* e na *Aida*. A sr.ª Carelli apenas 9, na *Zazá* e na *Adriana*. A sr.ª Krusceniski maravilhou-nos 7 vezes na *Madama Butterfly* e mostrou-se durante uma noite na *Adriana*.

A sr.ª Delna, um contralto de altissimo valôr, de surpreendente sonoridade nas notas graves, e a sr.ª Mantelli, um meio soprano de carreira, com um estilo de canto que ainda consegue fazer-se ouvir com muito prazer, são artistas em evidente periodo de declinação.

E foi exactamente no genero feminino que houve artistas dignos de serem ouvidos.

Na classe dos tenores a deficiencia foi muito palpavel.

Emilio Perêa é um tenôr em começo de carreira, com esplendida voz e excepcionaes dótes de cantôr, mas ainda sem a educação artistica precisa para vencer as dificuldades de um tenôr de opera lirica.

Krismer chegou até onde podia ir. E não foi mais longe porque tambem entendeu que não precisava de estudar mais e melhor, ou não teve mestre para isso.

Em 18 de janeiro reapareceu o tenôr Viñas na *Aida*. Ficou sendo o tenôr de resistencia, que da melhor vontade se prestou a resolver dificuldades, embora nem sempre com a precisa felicidade. A sua voz com esfôrço emitida nas notas agudas, muitas vezes se nega ao colorido que a expressão melodica exige. E' um artista de valôr, que sabe fazer-se aplaudir e estimar, mas com defeitos de empostação na voz que o não deixam ser de impecavel correcção.

Como baritonos estivemos quase sempre muito mal servidos. Giraldoni nunca pôde ser o digno sucessôr do grande cantôr que foi seu pai. Alem d'isso entrou num periodo de decadencia que não consegue ocultar, por mais esfórços que para isso empregue.

Titta Ruffo, que tomou parte em 8 espectaculos, foi o artista que durante toda a época lirica recebeu mais calorósos e unanimes aplausos. O 1.º acto do *Barbeiro* e a canção bacchica do 2.º acto do *Hamlet* foram pretexto para isso. Mas o 3.º acto do *Rigoletto*, em que tomou parte na noite de 7 de março, foi um verdadeiro desastre. Porquê?

O timbre da voz de Titta Ruffo é nasal em toda a extensão da escála, excepto nas notas muito agudas, do *mi* para cima. O vicioso apoio da voz sobre as fossas nasaes é a causa d'essa sonoridade, que dificulta os exercicios de vocalização feitos com vogal aberta. E a falta de apuro nestes exercicios impede o mais inteligente artista de cantar trechos de virtuosidade, com passos de agilidade só superaveis a laringes para isso devidamente preparadas. Ora Titta Ruffo, na canção bacchica do *Hamlet*, canta toda a volata e entra na estrofe seguinte com uma só respiração, motivo unico do louco entusiasmo com que tem sido acolhido pelos frequentadôres de S. Carlos. Aplaude-se-lhe a desusada capacidade toracica, ainda assim muito inferior á dos celebres cantôres de outrora, que com a sua *messa di voce perfeita* podiam cantar extensos periodos melodicos, ou passos de agilidade, com uma só respiração, que faziam durar 35 segundos.

Mas no *Hamlet*, á excepção daquela volata, não ha para o baritono um só passo de agilidade. Titta Ruffo está ali muito á vontade como cantôr, e a parte dramatica interpreta-a como muito bem lhe apraz: até com uns quantos exagêros no 3.º acto.

No 1.º acto do *Barbeiro* mostrou agilidade coreografica; deu ao Figaro uma vida propria, andalusa; fraseou o canto com expressão; sublinhou intencionalmente as palavras de sentido ambiguo; foi verdadeiramente comico, fantasista mesmo. Como cantôr defendeu-se bem e nós aplaudimo-lo pela sua admiravel e feliz pericia artistica, facilmente sustentavel no resto da opera. Em qualquer teatro deve ter Titta Ruffo no *Barbeiro* larga colheita de calorosos aplausos.

No 3.º acto do *Rigoletto* nenhum d'estes expedientes podia salvar Titta Ruffo. Tinha de ser cantôr e bem pouco mais. Mal acompanhado por uma Gilda incapaz de cantar o duêto com algum geito, Titta Ruffo estava a descoberto e os seus recursos de cantôr ficaram seriamente comprometidos. O fiasco era inevitavel e não sabemos como a sua sag a

cidade lhe não mostrou o perigo que corria, para procurar evita-lo.

E a falta de estudos preparatorios é o pecado original de todos os cantôres modernos, por melhores dotes vocaes que possuam. Cança-os em pouco tempo e inutiliza-os a falta de exercicios de vocalização, de uma escóla de canto superiormente dirigida e suficientemente prolongada, que lhes permita transformar em rutilante e burilado ouro a bruta mas excelente materia prima de que dispõem.

Clasenti, Perêa e muitos outros que ahi temos ouvido estão exactamente nas mesmas condições.

E terminamos aqui a nossa analise dos artistas de canto da época lirica finda.

Numa radical reforma de coristas de ambos os sexos se tem falado algumas vezes, mas não sabemos quando isso se conseguirá. O seu numero tambem nunca atingiu o prometido, mas isso não seria caso para quebrarmos lanças, porque, com tão más qualidades, quanto menos melhor.

Na cadeira da regencia tivemos em grande numero de partituras a superior direcção de Luis Mancinelli. Oxalá ali o tivessemos sempre. Georgio Polacco, que muitas vezes o substituiu, pareceu-nos um instruido, um estudioso, com aptidões para vir a ser um bom director de orquestra. A sua batuta firme é magnifica para nos ensaios submeter a um ritmo de metrónomo os insubmissos coristas e até alguns artistas que no canto são ainda mais retardados do que o proprio Polacco, que ás vezes é de uma lentidão de movimentos desesperadora. Mas essa firmeza de batuta tem de ser complacente com os artistas nas noites de espectaculo, a fim de que o auditorio não presinta faltas de unidade e irregular acompanhamento de melodia. Insuficiencia de ensaios para obter meticulôso apuro? Talvez. Vontade de dirigir correctamente? Por certo. No entanto estamos muito convencidos de que o desastre de algumas operas foi em grande parte devido á insuficiente direcção do *maestro* Polacco.

Da orquestra, com um nucleo de artistas portuguêses de muito valôr, apenas diremos o seguinte: havendo no paiz instrumentistas de aptidões superiores ás de estrangeiros que é costume importar, não sabemos porque se não abre concurso para organizar em S. Carlos uma orquestra digna de se fazer respeitar e de readquirir a boa fama de outros tempos. Os artistas portugueses, que em S. Carlos, durante os ultimos anos, com tanta distincção teem ocupado alguns dos primeiros logares, são padrão por onde aferir a pericia dos que do estrangeiro tão impropriamente são importados.

Demais, o direito e a certeza de obter um primeiro logar na orquestra de S. Carlos será um incentivo ao estudo.

Não terminaremos esta cronica de S. Carlos sem elogiarmos a enscenação e a propriedade com que algumas operas foram ali luxuosamente apresentadas.

Durante a época lirica finda foram cantadas as seguintes partituras: *Sansão e Dalila*, 11 vezes. *Damnation de Faust*, 7. *Madama Butterfly*, 7. *Tristão e Isolda*, 7. *Amôr de Perdição*, 6. *Adriana Lecouvreur*, 5. *Aida*, 5. *Linda de Chamounix*, 5. *Zázá*, 5. *Bohème*, 4. *Hamlet*, 4. *Orpheu*, 4. *Paolo e Francesca*, 4. *Fedora*, 3. *Ernani*, 1. *Lohengrin*, 1. *Traviata*, 1.

Para completar os espectaculos com o *Paolo e Francesca*, foi cantado 3 vezes o 1.º acto do *Barbeiro de Sevilha* e 1 vez o 1.º acto do *Rigoletto*.

E' para notar o numero de audições que tiveram tanto o *Sansão e Dalila* como o *Tristão e Isolda*.

O *Sansão*, pela insistencia com que anualmente tem sido apresentado e por uns quantos atractivos que o adornam, em cujo numero entram os bailados, é hoje mais atenciosamente ouvido e vai sendo muito conscienciosamente compreendido. As suas belezas vão-se impondo ao auditorio.

O *Tristão* teve 7 audições. Mas não nos iludamos com este numero, que não traduz um sintôma de agrado. Foi um acto de condescendencia da parte dos frequentadores de S. Carlos, que na sua quase unanimidade nem leu detidamente o poêma nem se dedicou ao estudo de qualquer das muitas obras literarias que mais ou menos extensamente nos ilucidam a respeito dos *leit-motive*, que são o idiôma dos dramas liricos de Wagner, e sem o conhecimento dos quaes não é possivel compreender a musica.

O *Lohengrin*, que hoje é ouvido com prazer, foi a principio motivo de muitas antipatias. A insistencia na sua apresentação e o bom desempenho de alguns artistas fe-lo ouvir com mais agrado e agora é aplaudido. Sucedeu a mesma coisa com o *Sansão*, como já dissemos.

Convem portanto insistir na apresentação do *Tristão*, confiando o seu desempenho a bons artistas. Se esta obra de Wagner não conseguiu impôr-se desde já, não deixou ainda assim as más impressões que muito eram para recear. Ha scenas que se arrastam com uma lentidão desesperadôra, contra cuja monotonia o nosso temperamento meridional protesta impaciente. Para compensar largamente esses fastidiosos momentos ha belezas de transcendente seducção, cujo prestigio se impõe aos que por uma audição atenta procuram compreender a linguagem melodica e

harmonica d'esta partitura, que no genero é a obra mais completa e perfeita de Wagner.

Os *Mestres cantôres* não seriam votados ao ostracismo se tivesse sido bem compreendido o caracter comico e satirico do poêma, onde se estabelece a lucta entre os arcáicos praxistas dos antigos processos melodicos, personificada no rotineiro Beckmesser, e a revolucionaria evolução da musica lirica moderna, personificada no apaixonado Walther, sob a protecção do poeta e sabio Hans Sachs.

Com tempo e paciencia ainda por certo os *dilettanti* de S. Carlos reconsiderarão nos seus intempestivos e precipitados juisos a respeito dos *Mestres cantôres* de Wagner, qne não deixarão de continuar a ser cantados. Não é admissivel no nosso teatro lirico um repertorio limitado á escóla italiana, que hoje muito pouco produz e de má qualidade, como d'isto é um exemplar concludente a *Madama Butterfly*. O repertorio francês não é convenientemente explorado, não sabemos porquê. Contra o wagneriano estabeleceu-se grande antipatia, só explicavel pela necessidade de um prévio estudo para poder ser compreendido; estudo de que a antiga opera italiana nunca precizou, por ser de melodia facilmente assimilavel.

Com a decadencia da arte de canto e a quase impossibilidade que hoje ha de obter artistas que com alguma correcção possam cantar a opera antiga, mesmo alemã, por certo teremos de pôr de parte o repertorio puramente italiano de outras éras para recorrermos ao que a escóla moderna nos produz.

Mas a Italia não tem hoje escóla definida. Está num periodo imitativo de transição, que não sabemos quando nem com que especie de compositôres terminará, porque dos actuaes, que tanto prometiam, nada nos tem vindo. As partituras apresentadas pelos compositôres conhecidos mais cotados, e impostas pelas casas editôras, teem um valôr fiticio de ocasião, que não resiste á critica conscienciosa. Convem portanto que nos emancipemos da tutéla italiana e que de outras origens conheçamos o que ha de aproveitavel, que alguma coisa é.

Com um repertorio mais modernizado e cantôres apropriados, talvez o nosso lirico continue a ser bem concorrido.

Em alguns teatros de declamação aceita-se, frequentemente, e aplaude-se uma companhia francesa ou italiana, em que se exibe uma notabilidade, rodeada de inutilidades. O conjuncto ás vezes não sofre com tal processo. Salienta-se mais o artista principal. Em S. Carlos não é isso possivel na opera lirica antiga e ás vezes mesmo no drama lirico. N'um duêto as incorrecções d'um artista prejudicam enormemente as bélas qualidades de uma celebridade. Além d'isso de muito longe vem o habito de apreciarmos um bom quartêto ou quintêto de vozes. E oxalá que nunca tivessemos de perder tal costume, que de passagem diremos custar hoje muito caro.

27 de março.

Esteves Lisboa.

Motivos de força maior nos obrigam a reduzir esta secção d'esta vez á sua expressão mais succinta, fazendo apenas menção das principaes audições realisadas na quinzena, e dispensando-nos de desenvolver promenores e commentarios, para os quaes nos falleceram o tempo e o espaço.

Por isso, e mesmo porque nos foi possivel assistir a elles, apenas alludiremos de passagem aos concertos de alumnos, que tem sido organisados no Conservatorio pelos excellentes professores D. Adelia Heinz e Julio Cardona, e que se realisaram em 15, 22 e 29, havendo ainda um ultimo a 5 do proximo abril. Agradecemos no emtanto penhoradamente a gentileza do convite, que muito nos pesou não poder acceitar, pois revestem sempre o maior interesse artistico as sessões de musica que os dois illustres leccionistas costumam organisar.

No dia 19, teriamos de nos occupar de tres concertos, um realisado nas Officinas de de S. José, para que tambem recebemos um penhorante convite, que não poude egualmente ser acceite, outro no Collegio Inglez, de Mrs. Kaffle, consagrado á exhibição de alumnas de piano e de canto, e finalmente um terceiro, no Conservatorio, organisado por Alexandre Rey Colaço e brilhantissimo, como todos os que o illustre mestre tem promovido.

Brilhantissimo pela concorrencia e pela grande maioria da musica executada.

Realçado por dois numeros d'orchestra, superiormente ensaiados e regidos pelo distinctissimo artista que é D. Pedro Blanch, teve esta bella audição o concurso de cantoras eximias, como D. Candida Kendall e D. Maria Emilia Macieira Lino, da gentil filha do ministro de França, M.elle de Taillandier, uma pianista *hors ligne* e de tres discipulas distinctissimas do professor Bahia,

as sr.as D. Maria do Carmo Bahia, D. Isaura Costa e D. Maria Adelaide Santos, applaudidas todas como era de justiça.

*

No dia 25 realisou se no salão do Conservatorio pelas 2 horas da tarde uma *matinée* promovida pelo distincto professor de violino D. Francisco Benetó, para apresentação das suas discipulas mais adeantadas.

Por doença de M.elle Camilla d'Avila, foi substituido o numero que lhe estava confiado, pela *Habanera* de White para dois violinos com acompanhamento de piano, excutado por M.es Stella d'Avila e Bertha da Cunha e Menezes.

Todas as discipulas de Benetó mostraram a par d'outras qualidades, uma bella escola d'arco e notavel sonoridade, o que prova a alta competencia que o eximio violinista tem, para exercer o professorado.

Comquanto todas as discipulas se tornassem dignas dos maiores elogios, seja-nos licito porém fazer especial referencia a M.elle Stella d'Avila, cujo bello mecanismo, sonoridade mascula, e apreciavel afinação a tornam já hoje uma distincta violinista; M.elle Reis, que mostrou egualmente qualidades muito apreciaveis e a gentilissima e encantadora M.elle Raymonde Dupuff, que contando oito annos apenas, enthusiasmava o auditorio pela sua severidade e posição correctissima, afinação rigorosa e um rythmo pouco vulgar.

Na *sonata* em *fá maior* de Grieg, apresentou-se o sr. Ivo da Cunha e Silva, um artista cheio de talento, e que muito tem lucrado com os sabios conselhos de Benetó.

O promotor d'esta brilhante e interessantissima audição deliciou o auditorio com a execução de a *Humoresque* de Davork, e *Serenade* de Drla, em que provou mais uma vez as suas grandes qualidades de concertista.

A sala do Conservatorio estava completamente cheia de espectadores, que applaudiram calorosamente todos os executantes e o seu distincto professor.

Na *Sonata* de Grieg teve o sr. Cunha e Silva como *partenaire* o sr. Aroldo Silva, e os acompanhamentos estiveram a cargo do sr. Bonet, dois artistas de merito, que obsequiosamente coadjuvaram Benetó, n'esta brilhante festa.

*

No dia 26 foi na sala Gil Vicente (Porto) e promovido pelo *Orpheon Portuense* o concerto de apresentação do violinista Bordas e do pianista e organista D. Canuto Berea.

Finalmente a 29, um concerto em Evora, theatro Garcia de Rezende, em que foram executantes os srs. D. Francisco Benetó, Cecil Mackee, Antonio Baptista, Antonio Lamas, D. Luiz Menezes e Lambertini.

PORTUGAL

Realisou-se o casamento da notavel violoncellista portugueza Guilhermina Suggia com o não menos notavel concertista Pablo Casals.

*

O sr. Augusto Claro, conhecido fabricante de orgãos, com officina em Braga, concluiu um orgão para a sumptuosa residencia do sr. dr. Manuel de Castro Guimarães, ao pateo do Thorel.

O instrumento, que já tivemos occasião de apreciar, graças á amabilidade d'este illustre amador, possue qualidades muito apreciaveis e relativamente ao orgão da Graça e outros da mesma procedencia, marca um consideravel progresso, tanto no apuro do fabrico, como nas qualidades sonoras.

*

Parte brevemente para a America do Sul o nosso presado amigo e illustre violinista Joaquim Ferreira da Silva.

Demorar-se-ha algum tempo no Rio de Janeiro e em outras cidades brazileiras.

*

No asylo-officina de Santo Antonio realisou-se em 19 uma interessante recita de caridade, com a representação da opera burlesca, *Gran-Duqueza de Gerolstein*, desempenhada pelas educandas d'aquelle simpathico estabelecimento sob a direcção e regencia do sr. Alfredo Mantua.

Foram bisados varios numeros e tanto o director musical como os interpretes da engraçada peça offenbachiana foram alvo de grandes applausos.

*

O distincto violinista Antonio Gomes partiu para Coimbra, afim de realisar ali um

concerto. Irá em seguida para a America do Sul, onde tenciona effectuar uma *tournée* artistica de quatro mezes.

ESTRANGEIRO

Paderewski foi convidado a tomar a direcção do conservatorio de Varsovia. O celebre pianista só acceitou o encargo com a condição de residir apenas tres mezes em Varsovia, seis semanas na primavera e seis semanas no outomno, reservando o resto do tempo para as suas *tournées* de concertos na Europa e America.

*

A cidade de Milão, capital musical da Italia, vae ter uma sala de concertos, destinada a audições symphonicas.

Reuniu-se para esse fim um grupo de ricos amadores, que contam reunir em pouco tempo os fundos precisos para a construcção de uma sala perfeitamente adequada ao fim a que se destina.

*

Na Opera de Paris cantou-se com grande exito o *Tristão e Isolda*, sendo protagonistas Mademoiselle Grandjean e o tenôr Van Dick.

Finou-se no dia 20 do corrente mez mais um dos nossos primorosos e distinctos musicos, que em vida se chamou Alfredo Gazul.

Desde o principio da sua carreira artistica, manifestou elle o alto quilate do seu valor, posto mais tarde muito em evidencia como instrumentista, cantor e compositor.

Mas essa carreira, que podia ter sido brilhantissima, foi muito prejudicada por uma excessiva modestia, que, em homens de justificado merito é tão censuravel, como a vaidade n'aquelles que o não possuem.

Alfredo Gazul, como instrumentista, tomou parte em muitos concertos de musica de camara, tocando *violetta;* os mais notaveis foram os que se realisaram de 1888 a 1896, promovidos por Alexandre Rey Colaço, com Victor Hussla e João Evangelista da Cunha e Silva.

Nos programmas d'esses concertos figuram obras das mais notaveis de mestres consagrados, como Beethoven, Mozart, Mendelssohn, Schumann, Brahms, etc., e d'este auctor se executou em março de 1896, na residencia de Rey Colaço o quartetto em *sol menor*, op. 25, em que a parte de violino foi executada pelo grande Sarrasate, que por essa época se achava de passagem em Lisboa e que rendeu os melhores elogios aos nossos artistas.

Como cantor, discipulo predilecto do celebre baritono Corsi, possuindo uma bem timbrada voz de tenor de meio caracter, percorreu differentes paizes da Europa, cantando em Italia, na Austria, em Hespanha e em Portugal, sendo os theatros mais notaveis em que foi ouvido, com muito agrado, os de Turim, Genova, Roma, Bolonha, Palermo, Liceo de Barcelona, Real de Madrid e S. Carlos de Lisboa.

Durante a sua carreira lyrica teve occasião de cantar ao lado de artistas muito distinctas, como Varezzi, Urban e Donadio.

Creou tambem algumas operas, figurando entre ellas, *Amore alla prova*, *La Fanciulla romantica*, *Il violino del Diavolo*, etc.

Como compositor manifestou-se tambem Alfredo Gazul um artista inspirado e talentoso, sendo ouvida uma composição sua no grande concerto que a *Associação Musica Vinte e quatro de Junho*, então no apogéo do seu explendor, realisou no antigo *Circo de Price*, ou *Colyseu de Lisboa*, a 9 de junho de 1880, por occasião dos festejos do tricentenario de Camões e dos quaes este numero foi um dos mais brilhantes.

O programma d'esse notavel concerto, constava unicamente de obras de auctores portuguezes. Veem se ali os nomes de G. Cossoul, Santos Pinto, Monteiro de Almeida, Joaquim Casimiro, G. Daddi, Julio Soares, Justino Castilho e Alexandre Ferreira, já fallecidos e de Freitas Gazul e Frederico Guimarães.

Dirigiram as suas composições os auctores que se achavam presentes e lá estava Alfredo Gazul fazendo executar os *Kiries* da sua bella *missa em ré maior*, com a profeciencia que lhe era peculiar.

Ultimamente escreveu, em italiano, uma opera dramatica em 2 actos, intitulada *Lelia*, que consta estar completa e prompta a executar.

Ainda, como auctor didactico, deixa Alfredo Gazul trabalhos importantes de estudo, para o que possuia incontestavel competencia, como abalisado musico e distincto professor de canto, que era.

Ha 11 annos que a excentricidade do seu modo de encarar a actual sociedade e a pertinaz doença que o victimou, o tinham se-

questrado ao convivio dos seus amigos e admiradores.

*

Na Foz do Douro falleceu a sr.ª D. Maria Luiza Tavares d'Almeida Carvalho Monteiro Machado, distinctissima pianista que varias vezes tivemos occasião de ouvir em Lisboa, em concertos publicos.

*

As sr.as D. Esther e D. Luiza Campos illustres pianista e violinista, passaram pela dôr de perder seu pae e nosso amigo, sr. Norberto Coelho da Silva Campos, que succumbiu a 15, apoz penosa e longa doença.

Aqui lhes apresentamos as mais sentidas condolencias.

*

Com 67 annos de edade falleceu repentinamente no dia 24 do corrente mez, um dos mais antigos sopranistas da Sé Patriarchal, Francisco Caetano Bonifacio, natural de Lagos.

Teve este modesto artista o seu periodo aureo, devido ao esplendido orgão vocal de que dispunha e que lhe creou a grande reputação de que por muito tempo gosou.

*

Em 14 do mez passado extinguiu-se mais um artista de grande reputação, Jorge Pfeiffer, compositor de merito, presidente da Sociedade de Compositores Francezes e antigo professor.

Nasceu Jorge Pfeiffer em Versailles, a 12 de dezembro de 1835, e foi discipulo de Maledent e de Damcke. Produziu-se muito cedo como pianista e compositor, executando em Paris e Londres os seus tres concertos com orchestra, que lhe valeram logo o applauso do publico e da critica.

Fazia se ao mesmo tempo conhecer como compositor de musica de camara, apresentando obras interessantes, escriptas com grande pureza de forma, um trio, um quarteto e um quinteto com piano, um sexteto para instrumentos de sôpro, sonatas diversas.

Depois vieram outras obras ainda mais importantes: — uma symphonia, um *Allegro symphonico* para piano e orchestra, *Jeanne d'Arc*, poema symphonico (Chatelet, 1872), *Agar*, scenas lyricas (março 1875).

Só mais tarde é que se resolveu a desferir mais largos vôos, abordando a opera; n'este campo d'arte, tão apetecido pela maioria dos compositores, produziu varios trabalhos, em que se revela uma inspiração amavel e bom sentimento scenico: — *L'enclume* (Opéra-Comique, 1884), *Légataire universel* (1901), *Jeanne de Naples*, *Kenivorth* e *Les truands* estas ultimas tres ineditas.

Em outros generos deixa Georges Pfeiffer uma importante bagagem musical, peças de piano, estudos, sonatinas, melodias vocaes, etc.

Era um dos principaes associados da conhecida casa Pleyel.

Bibliographia musical portugueza

(Mediante a entrega de um exemplar sem indicação alguma manuscripta, publica-se n'esta secção o nome, autor e preço de cada uma das obras musicaes que se editem em Portugal).

CANTA E PIANO

NEUPARTH — Fado — fantazia *(Ed. Neuparth)* 250

* * * — Fado da Severa e Fado nocturno *(Ed. Neuparth)*..... 200

Caixa de Soccorro a Musicos Pobres

POR INICIATIVA DA

ARTE MUSICAL

I — Acceitam-se quaesquer donativos ainda os mais insignificantes, por uma só vez.

II — A importancia total dos donativos é applicada á compra de titulos do governo, cujo rendimento será distribuido pelos artistas mais necessitados, que requeiram subsidio á administração da revista.

III — Será publicada em todos os numeros da *Arte Musical* a lista dos subscriptores e quantia com que subscreverem.

IV — Na séde da administração da revista e mais tarde, nos estabelecimentos de musica, theatros, salas de concertos, etc., que o consintam, serão expostos mealheiros especiaes para o mesmo fim.

V — Nas columnas da *Arte Musical* virá publicado annualmente um balanço promenorisado do movimento da Caixa.

Transporte.....	624$315
Emma Carelli.....	1$000
Arturo Franceschini (Lit 20).....	4$000
Cons.º Francisco da Fonseca Benevides (3.º donativo).....	2$500
Segue.....	631$815

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

CARL HARDT

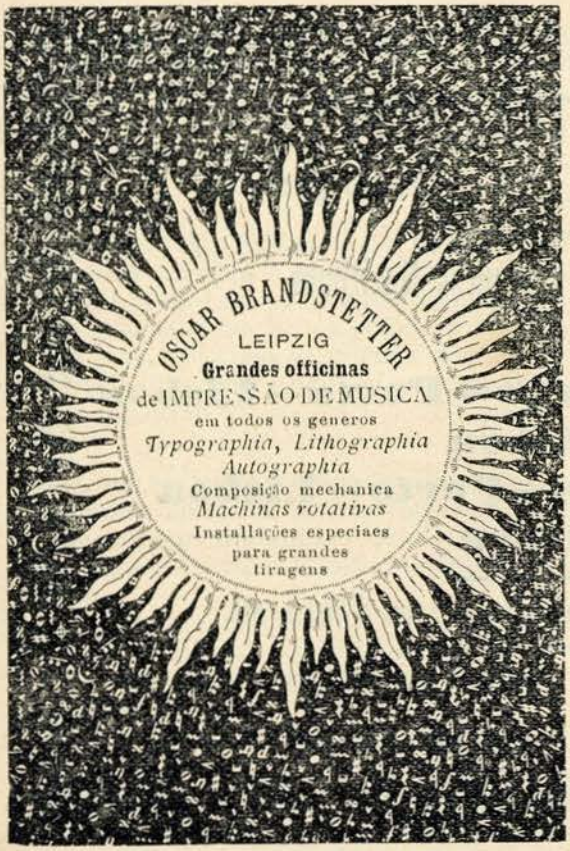
FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 *(diploma d'honra)*; Paris, 1867; Vienna, 1873 *(medalha de progresso, a maior distincção concedida)*; Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Lambertini

Pianos das principaes fabricas: Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas. Ocarinas, etc.

Peçam-se os catalogos

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..
Anvers — Joseph Spiero — *51, rue Waghemakere*
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *67, Grand Quai*
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *12, 14, rue d'Enghien*
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *Leadenhall Buildings, E.C.*
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *The Temple-Dale Street.*
New-York — Joseph Spiero — *11. Broadway.*

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.° 986 End. tel. CARLASSEN — LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella, 12.*

Alberto Sarti, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*

Alexandre Oliveira, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*

Alexandre Rey Colaço, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*

Alfredo Mantua, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*

Antonio Soller, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*

Candida Cilia, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D*

Carlos Gonçalves, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*

Carolina Palhares, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.*

Eduardo Nicolai, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*

Elisabeth Von Stein, professora de violoncello, *R. S. Sebastião, 9, 2.º*

Ernesto Vieira, *Rua de Santa Martha, 232, A.*

Francisco Bahia, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*

Francisco Benetó, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*

Guilhermina Callado, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*

Irene Zuzarte, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*

Joaquim A. Martins Junior, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.*

Joaquim F. Ferreira da Silva, prof. de violino, *Rua José Estevão, 50, 3.º, E.*

José Henrique dos Santos, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*

Julieta Hirsch Penha, profes.ª de canto, *R. Cons. Pereira Carrilho, M.M.J. 3.º E.*

Léon Jamet, professor de piano, orgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*

Lucila Moreira, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*

M.me Sanguinetti, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*

Manuel Gomes, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*

Marcos Garin, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*

Maria Margarida Franco, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*

Philomena Rocha, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.*

Rodrigo da Fonseca, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1$200
No Brazil (moeda forte)	1$800
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49—LISBOA